

## **Teorias em disputa: Jeremy Bentham e a filosofia mecânica X contracultura medievalizante da Inglaterra na primeira metade do século XIX**

Pablo Spíndola \*

**Resumo:** O historiador Carl Schorske, apresenta três intelectuais do início do século XIX que seriam exemplos de uma “contracultura medievalizante da Inglaterra”. Esses pensadores são: o poeta Samuel T. Coleridge, o arquiteto Augustus W. Pugin e o romancista e político Benjamin Disraeli. O intuito é fazer um breve panorama sobre as idéias produzidas por esses pensadores e por outro lado complementar a análise comparando os escritos de Jeremy Bentham. Este último, considerado um dos pais do utilitarismo, é visto como um modernizador ao ser equiparado com seus contemporâneos aqui mencionados. O propósito da pesquisa é realizar uma investigação das idéias em disputa desses intelectuais da Inglaterra do final do século XVIII e primeira metade do século XIX. Com isso é possível vislumbrar o cenário intelectual, mas também o ético da formação, estabelecimento e historicidade de determinadas idéias.

**Palavras-chave:** 1)Teoria da História – 2)Pensamento inglês – 3)História intelectual

**Abstract:** Carl Schorske discusses about tree scholars from the beginning of the XIX century, for him examples of an “England medieval contra culture”. These scholars are: the poet Samuel T. Coleridge, the architect Agustus W. Pugin and the novelist plus politician Benjamin Disraeli. The scheme is to present a short panoramic paper about the ideas that were produced by these thinkers, in contrast, fill up the gap on Jeremy Bentham’s works. This last, consider one of the fathers of Utilitarianism, when compared to the tree formers is considered a modernizer of the sight that they had on Culture. The aim of this article is to make a research based on argues of these four scholars discussed in the end of the 18<sup>th</sup> to the beginning of the 19<sup>th</sup> century in England. Taking all in account is possible to realize a intellectual landscape but also the ethic debate of the foundation, institution and historicism of some ideas.

**Key-words:** 1)History Theory – 2)British thinking – 3)Intellectual History

Dentre as possibilidades de se estudar ética no ofício do historiador, uma delas é tentar investigar as idéias concorrentes num dado momento histórico, e com isso garantir um equilíbrio do panorama intelectual. Nessa empreitada, pode-se observar como determinadas idéias são formadas, como se estabelecem e como têm uma historicidade. Para isso o caminho metodológico a ser adotado é a discussão feita em língua inglesa do que se conveniu chamar de história das idéias, mas especificamente história intelectual.<sup>1</sup>

---

\* Universidade de São Paulo, mestrando do programa de pós-graduação de História Social. Bolsista CNPq.

<sup>1</sup> Ver a esse respeito LOVEJOY, Arthur O. **Reflexões sobre a história das idéias**. In.: **Journal of the History of Ideas** Janeiro de 1940. LOVEJOY, Arthur O. **The great chain of being: a study of the history of an idea / The William James lectures delivered at Harvard university, 1933**. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 1964. MANDELBAUM, Maurice. **The History of Ideas, Intellectual History, and the History of Philosophy**. History and Theory, Vol. 5, Beiheft 5: The Historiography of the History of

Um intelectual encontra-se inserido em seu tempo sem, contudo, não deixar de pensar idéias dissonantes produzidas a partir do debate em voga. A intencionalidade dessa história intelectual está inicialmente na prerrogativa de reconstruir a paisagem intelectual, assim como a contextualização. Contextualização essa, que reitera ser inviável que questionamentos de natureza filosófica nasçam sem uma base. Pode-se acrescentar ainda que um espírito solitário seria incapaz de produzir tais indagações, só sendo possível compreender um projeto intelectual e seu desenvolvimento em referência ao espaço teórico no qual está inserido. (SPÍNDOLA, 2008: 1-5)

Por se tratar de uma região fronteira com a filosofia, que tem como uma das suas premissas estudar idéias, esse tipo de história faz um levantamento sobre como algumas formas de pensamento vêm à tona num emaranhado de outros. Como determinadas idéias podem ser historiadas a partir das outras que estavam em voga. Sendo assim, se pode tomar como exemplo da história intelectual um estudo de idéias no tangente aos debates intelectuais procedidos na elaboração de um livro. Com isso, se compreende uma obra enquanto um contexto argumentativo que faz parte de uma gama de idéias mais amplas.

A análise a realizar-se, toma como objeto o filósofo Jeremy Bentham que tem seus escritos no fim do século XVIII até a segunda década do século XIX, em contraposição a três autores: Samuel Taylor Coleridge, Augustus Welby Pugin e Benjamin Disraeli, que escrevem nas décadas de vinte, trinta e quarenta, respectivamente. Tratando inicialmente os escritos de Jeremy Bentham cabe uma breve cronologia, levando em conta o período a ser tratado e as idéias que foram desenvolvidas.

Jeremy Bentham nasceu em 15 de fevereiro de 1748, seus primeiros estudos foram feitos ainda em casa onde aprendeu latim, grego, francês, música, desenho e dança com o tutor La Comte. Em 1755 entra na Westminster School, em 1760 ingressou no Queen`s College, em Oxford onde se gradua em 1763, ainda nesse ano ingressa no Lincoln`s Inn, a fim de receber o treinamento na prática do direito. O Lincoln`s Inn é o mesmo local que formara Thomas More (autor da Utopia) e contava com a melhor biblioteca da época. Em 1766 obtém o título de M. A. em Oxford, nesse mesmo período frequenta as aulas de química do Dr. Fordyce, médico do Saint Thomas Hospital de Londres. Essas aulas o estimulam a montar um pequeno laboratório para experiências amadoras, mas faz perceber também uma separação abissal entre as ciências físicas e o campo do direito. Em 1769 obtém o direito de exercer a

advocacia, mas a exerce por pouco tempo, por achar o direito inglês tortuoso e cheio de armadilhas. Nesse mesmo ano tem contato com as obras de Montesquieu, Cesare Beccaria e Claude Helvétius que junto com David Hume seriam suas influências no pensamento utilitarista. Em 1770 ele já iniciara as suas tentativas de aplicar princípios científicos para o sistema legal que vai resultar na sua primeira publicação em 1776. Morreu em 6 de junho de 1832. (PICOLI, 2006: 15-19)

O seu primeiro livro é *A Fragment on Government*, que é um fragmento de um projeto maior desenvolvido com um colega, John Lind. Esse texto foi publicado inicialmente pelos auspícios de tentar angariar dinheiro para um futuro enlace amoroso de Bentham que junto ao amigo decide escrever uma crítica ao texto de um ex-professor, William Blackstone, e seu livro *Commentaries on English Law*. Esse livro era famoso na época e tratava sobre as Leis da Inglaterra e discutia de forma geral o tema do governo, Bentham decidira por uma publicação anônima gerando com isso especulações a respeito do autor da crítica. O livro de Bentham é bem recebido inicialmente, mas depois de revelado quem era o autor, um desconhecido, as vendas diminuem. Como não prosperaram as pretensões matrimoniais de Bentham, o projeto inicial da análise crítica de Blackstone foi abandonado por seu amigo, e concluído com o título de *Comment on the Commentaries* e publicado apenas em 1928. (Idem: 19-20)

O lorde Shelburne (posteriormente, primeiro marquês de Landsdowne) fica impressionado com o livro de Bentham e faz um convite para que fosse trabalhar em seu escritório de Direito em Lincoln's Inn, em 1781. O filósofo já se preocupava com outra obra, *Teoria dos Castigos e das Recompensas*, publicada em francês, em 1811. Somente muito depois essa obra viria à luz em edições inglesas, com títulos diferentes: *O Fundamento Racional da Recompensa* (1825) e *O Fundamento Racional do Castigo* (1830).

Em 1785, Bentham viajou para a Rússia, passando por Nice, na França, Ismirna, Istambul (Constantinopla), de lá seguiu para Bucareste e daí para seu destino final Krichev,<sup>2</sup> chegando só no início de 1786. A motivação era auxiliar seu irmão, Samuel Bentham, engenheiro naval que estava a serviço da Rússia, na contratação e organização de mão-de-obra e talvez ter contato com Catarina II, para mostrar seu código de leis. Ainda em 1786 tem a informação que na Inglaterra se publicará um anúncio para apresentação de projetos para construção de casas de correção. Auxiliado pelo irmão Samuel, Jeremy escreve uma série de vinte e uma cartas (BENTHAM, 2000: 15-74) em 1787 e as envia para o pai, não obtendo

---

<sup>2</sup> Nas cartas que Bentham escreve ele grafa “Crecheff” ao invés de Krichev, não consegui determinar qual a grafia corrente em português. A cidade se localiza atualmente na região de Mogilev, Bielorrússia.

resposta para um amigo, George Wilson, para serem impressas e encaminhadas aos interessados num projeto de casa-de-inspeção. Essas cartas tratam do *Panopticon*, projeto arquitetural que baseado nos princípios utilitaristas, criam um modelo prisional de inspeção, que, no entanto, só serão impressas em 1791 na França com o título de *Panopticon: or, the Inspection House*, sendo essa impressão um memorando reduzido do projeto inicial. (BENTHAM, 1987: 199-229) Nesse país escreveu ainda *Defense of Usury*, publicado em 1787, e seu primeiro trabalho sobre economia. Disposto como uma série de cartas escritas na Rússia, *Defense of Usury* revela Bentham como um discípulo de Adam Smith, mas um discípulo que insistia na aplicação lógica extrema dos princípios elaborados pelo fundador da economia política. Ele argumentava que cada homem era o melhor juiz de seus próprios lucros sem nenhum empecilho e que não havia motivo para limitar a aplicação dessa doutrina ao problema de emprestar dinheiro a juros. (PICOLI, 2006: 26-30)

Em 1788 retorna para Inglaterra passando pela Polônia e seguindo para a Alemanha e depois Holanda, quando chega a Londres, em fevereiro recebe comentários elogiosos a respeito do *Defense of Usury*. Bentham pretendia seguir uma carreira política, mas desapontou-se com as possibilidades nesse campo. Dedicou-se, então, ao estudo da legislação, pretendendo descobrir seus princípios. Em 1789 publicou, *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*, sua obra de maior peso filosófico e mais teórica. Além dessa obra, fez inúmeros panfletos, nos quais criticava a lei de difamação, o segredo dos jurados, o juramento, as extorsões de declarações legais. Por outro lado, defendia o empréstimo de dinheiro a juros, a reforma da educação e um novo esquema para o sistema penitenciário.

Em 1792, pela recepção dada ao livro de 1789, Bentham, recebeu a cidadania francesa e, em 1817, tornou-se um dos principais membros do corpo de advogados de Lincoln's Inn. Em 1823, com um grupo de amigos dentre eles James Mill e seu filho John Stuart Mill, fundou o periódico *Westminster Review*, a fim de poder contar com uma eficiente tribuna para a defesa do utilitarismo. Ao mesmo tempo, dedicou-se ao trabalho de uma nova codificação de leis, seu ideal desde a juventude. Além disso, batalhou pela reforma constitucional na Inglaterra, que acabou se realizando no ano de sua morte.

Bentham vai ser o primeiro filósofo a conseguir deixar uma escola propriamente dita, a reflexão filosófica na Inglaterra caracteriza-se pela ausência de escolas, no sentido mais completo dessa expressão. Os maiores pensadores ingleses exerceram influência sobre o curso das idéias sem transmitir um corpo definido de teorias a um grupo definido de continuadores. Esse panorama modificou-se com as idéias dos utilitaristas, nos fins do século XVIII e começo do XIX, que elaboraram um conjunto de teorias defendidas em comum e aplicadas a

vários campos de indagação filosófica e científica. O grupo dos utilitaristas trabalhava em vista do mesmo fim e seus componentes uniam-se na reverência a Jeremy Bentham.

O professor Luis Alberto Peluso comenta que “fundamentados nas idéias de David Hume os utilitaristas elaboraram um conjunto de teorias defendidas em comum por um grupo de pensadores que, reunidos em torno da figura excêntrica de Jeremy Bentham, as aplicou a vários campos da investigação.” (PELUSO, 1998: 16) Para o comentador o utilitarismo foi “uma tentativa de transformar a ética na ciência positiva da conduta humana.” (Idem) A definição dada por ele para o utilitarismo é a seguinte: “... existe uma única forma que compele o ser humano a agir: o prazer. Nesse sentido, a ética utilitarista é fundamentada no seguinte princípio: o motivo da ação humana é a busca do prazer e a eliminação da dor.” (Ibidem: 17)

Essas idéias estão no início do livro *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*, onde diz: “A natureza colocou o gênero humano sob o domínio de dois senhores soberanos: a dor e o prazer. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que na realidade faremos.” (BENTHAM, 1979: 3) Em seguida comenta sobre o seu princípio fulcral: “O princípio da utilidade reconhece esta sujeição e coloca como fundamento desse sistema, cujo objetivo consiste em construir o edifício da felicidade através da razão e da lei.” (Ibidem) A regra de conduta são caracterizáveis pela utilidade e pelo prazer/dor que podem proporcionar a um indivíduo e, em extensão, à coletividade, na suposição de uma complementaridade entre a satisfação pessoal e coletiva. O cidadão deveria obedecer ao Estado na medida em que a obediência contribui mais para a felicidade geral do que a desobediência. A felicidade geral, ou o interesse da comunidade em geral, deve ser entendida como o resultado de um cálculo fisiológico, isto é, a soma do bem comum e dores dos indivíduos.

Contudo, podem ser feitas críticas ao pensamento de Bentham da seguinte forma, “nas formulações utilitaristas não teriam lugar os mais altos ideais de amizade, dignidade, justiça, liberdade, patriotismo, fraternidade, amor materno. Nesse sentido, a ética de Bentham não comportaria os ideais dos atletas, dos heróis, dos santos, dos mártires, nem dos masoquistas.” (PELUSO, 1998: 218) Pois ao entender que o mecanismo responsável pelas ações das pessoas é a busca pelo prazer e refutação ou diminuição da dor ele não vê sentido em ideais de valor moral em si mesmos porque o valor moral está naquilo que produz bem-estar ao ser humano. Outra lacuna no pensamento do inglês é o fato de sua teoria não oferecer uma fisiologia do prazer e da dor, sendo assim não é possível fazer uma classificação e comparação dos diferentes prazeres e dores. E por fim, a carência de um instrumental matemático que capacite

operações de comparação entre os diferentes tipos de indicadores de prazer e dor.

Feita a explanação sobre Jeremy Bentham e a filosofia utilitarista passemos agora aos outros intelectuais. O primeiro deles é Samuel Taylor Coleridge, que é um poeta nascido em 21 de Outubro de 1772 e que faleceu em 25 de Julho de 1834. Além de poeta foi crítico e ensaísta inglês, e é considerado, ao lado de seu colega William Wordsworth, um dos fundadores do Romantismo na Inglaterra. Depois de publicar alguns poemas em 1796, escreveu, em 1798, junto com William Wordsworth, publicou as “Baladas Líricas”, poemas inovadores e considerados precursores do romantismo. Entre as obras deste volume, sobressaiu-se o longo poema de Coleridge, *The Rime of the Ancient Mariner*. Em setembro daquele ano viajou junto com os irmãos Wordsworth para a Alemanha. No tempo em que passou na Alemanha, além de estudos da língua alemã, interessou-se pela obra do filósofo Immanuel Kant, que passou a divulgar quando retornou à Inglaterra para morar em Lake District, Cumberland, em 1800. Coleridge escreveu seu poema “*Dejection: An Ode*” (Melancolia: Uma Ode) e intensificou seus estudos filosóficos.

Escreveu também o poema simbólico *Kubla Khan* em 1798, e o poema místico-narrativo *Cristabel* de 1800. Em 1806 já não tinha a amizade de William e passou a ganhar a vida escrevendo artigos para jornais e realizando palestras. Sem conseguir livrar-se de seu vício no ópio, a partir de 1810 passou a morar na residência do farmacêutico James Gillman, onde terminou seu livro de prosa *Biographia Literária* de 1817, que é uma série de dissertações e notas autobiográficas sobre diversos temas, entre os quais destacam-se suas observações literárias. Outros foram “*Sibylline Leaves*” de 1817, “*Aids to Reflection*” de 1825 e *On the Constitution of the Church and State* de 1829, além de tratar da republicação de algumas de suas obras. Por volta de 1830 as revisões críticas sobre sua obra lhe eram bem favoráveis e ele tido como um bom crítico literário, embora nunca tivesse alcançado sua independência financeira. Influenciou toda uma geração de novos escritores, como Quincey, Byron e Shelley.

A obra *On the Constitution of the Church and State* é significativa, pois o poeta vai escrever sobre teoria constitucional. E apresenta um organograma das instituições inglesas, da igreja e do Estado, mas com traços medievais adaptados através de lógica e História para modernidade. Na sua estrutura a classe intelectual é a responsável por preservar e transmitir os valores culturais e ensinar sabedoria para a nação, esta recebe o nome de *clerisy*. Baseado no idealismo alemão, vai afirmar que essa classe, *clerisy*, deve ser mais, se comparada com o que são os intelectuais, denunciando que os intelectuais são a desgraça, doença e degeneração ao invés de serem a força da nação, pois servem a máquina da riqueza. Acusa a “teoria

mecânico-corpúscular” e a “filosofia mecânica” de Helvetius e o discípulo dele, Bentham, de estarem a serviço desse modelo. (SCHORSKE, 2000: 92)

O outro intelectual é o arquiteto Augustus Welby Pugin, que nasceu em 1 de Março de 1812 e faleceu em 14 de Setembro de 1852. Era um gravador e designer que recentemente se tornara arquiteto quando Publicou *Contrasts* em 1836 e expressou suas idéias em forma visual, apenas completada pela escrita. Esse texto é um tipo de manifesto mais imoderado da reivivificação medieval. O título completo da obra é elucidativo sobre a abordagem pretendida pelo autor e da sua idéia de arquitetura; *Contrastes: ou, Um paralelo entre os nobres edifícios da Idade Média e os prédios correspondentes do presente; mostrando a decadência atual de gosto*. Pugin defende seu argumento mostrando pares de imagens da vida moderna e medieval classificando-as entre “caminho certo” e “caminho errado”, e como não poderia deixar de ser, “A disciplina repressiva da Nova Lei dos Pobres<sup>3</sup> expressa-se na forma geométrica fechada do panóptico de Bentham.” (Idem: 94)

Augustus Welby Pugin foi o primeiro a entender a construção como uma relação autoral que refletia a ética dos construtores, assim como mais tarde John Rukin, o belo manifesta o bem. Contudo a preferência estética podia ser prontamente legitimada por uma leitura ética e vice-versa, que no caso de Pugin estava ligado a sua fé católica e que por isso integrava a sua ética e estética. Seus modelos pictóricos são do século XV e estavam baseados numa apologia à religiosidade desse período, mesmo que ele estivesse vivenciando o século XIX. Sendo assim, ele mantinha o sentido medieval da comunidade utilizando imagens dos ambientes através do estilo gótico. Logo, a modernidade é a personificação do erro, pois para ele os artigos de utilidade deveriam ser disfarçados ao invés de embelezados como propunha Bentham. (Ibidem: 94-102)

O terceiro intelectual é Benjamin Disraeli, nasceu em 21 de dezembro de 1804 e faleceu em 19 de abril de 1881, foi escritor e político britânico de origem judaica e primeiro-ministro do Reino Unido. Começou a sua carreira profissional no escritório de um procurador, em 1821, a fim de se preparar para um lugar na administração pública, aí se mantém até 1831. Entretanto, em 1826, inicia a sua carreira de escritor com a publicação de *Vivian Grey*. O começo da sua carreira política dá-se em 1837, com a sua eleição para deputado por Wycombe. Em 1848 torna-se líder do partido protecionista. Nesse mesmo ano foi nomeado ministro do Tesouro. Em 27 de fevereiro de 1868 assume o cargo de primeiro-ministro do

---

<sup>3</sup> Lei aprovada em 1834 que agrupava paróquias em federações e punha as federações sob o controle de conselhos eleitos de guardiões.

reino unido e fica até 1 de dezembro de 1868, voltado a ocupar esse cargo em 20 de fevereiro de 1874 até 21 de abril de 1880. É a partir de 1874 que inicia diversas reformas (sobre fábricas e habitações, emendou a lei dos pobres, etc.), mas volta-se principalmente para o campo externo. Promove uma política de expansão e assume o controle da Companhia do Canal do Suez, anexa o Transvaal na África do Sul e o Chipre. Em 1877, aclamou a rainha Vitória imperatriz das Índias. Dois anos mais tarde entrava na Câmara dos Lordes com o título de Lord Beaconsfield

Uma obra, ainda antes de sua carreira política, chama atenção, pois ela em consonância com os seus outros dois contemporâneos mencionados (Coleridge e Pugin) tece louvores a uma Inglaterra medieval, esse romance é *Sybil: or The Two Nations*, publicado em 1845. Ela narra a história de amor entre um abastado jovem (Charles Egremont) uma moça pobre (Sybil Gerard), que se propõe a conciliá-los, ou como diz o subtítulo é um entrelace entre duas nações. Contudo o desenvolvimento da trama produz um efeito diferente, ao invés de comunhão entre as classes o que se tem é submissão, ricos dominando e explorando os pobres. O pano de fundo é um medievalismo ideológico que critica o modelo social moderno. Charles um garoto aristocrático abusa da sua autoridade sobre o pai de Sybil, seu empregado numa das suas fábricas, até eclodir uma revolta e os empregados tomarem sua casa. Sybil, jovem indefesa, passa junto ao grupo que assumiu o comando, a exercer os mesmos tipos de tirania que sofrerá antes, mas em um dado momento sua consciência a faz mudar de lado e defender quem antes a explorava. Na história, a casa do patrão é o centro desse desenho espacial, o ponto de observação para a vigilância das suas fábricas, conformando-se com o projeto do panóptico de Bentham. O romance finda com Charles retomando suas posses, casando-se com Sybil e sendo coroado. (Ibidem: 102-106)

É importante observar que esses três intelectuais tinham projetos de modernização da Inglaterra enquanto pensavam com a história medieval; Coleridge como teórico de um novo papel para os intelectuais, Pugin como designer espacial e Disraeli como um ideólogo da democracia. Jeremy Bentham, por sua vez, foi tomado por eles como exemplo de uma modernização ingrata, mas sobretudo como o ponto de debate a ser referenciado quando era necessário se eleger um arquiinimigo para uma peleja. Assim sendo, a possibilidade de se estudar ética no ofício do historiador, foi investigar as idéias concorrentes num dado momento histórico, garantindo um equilíbrio do panorama intelectual. Nessa tarefa se pôde observar como determinadas idéias são formadas, se estabelecem e têm uma historicidade mas, sobretudo, como o fazer ético do historiador é um remontar das evidências do passado.



### **Referências Bibliográficas**

BENTHAM, Jeremy. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. O Panóptico ou a casa de inspeção. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autentica, 2000.

\_\_\_\_\_. Panóptico – Memorial sobre um novo princípio para construir casas de inspeção e, principalmente, prisões. In: **Revista Brasileira de História**, Editora Marco Zero, v.7, nº 14, março/agosto de 1987, p. 199-229.

PELUSO, Luis Alberto. Utilitarismo e ação social. In: **Ética e utilitarismo**. Campinas: Alínea, 1998. p. 13-26.

\_\_\_\_\_. Jeremy Bentham e seus críticos. In: **Ética e utilitarismo**. Campinas: Alínea, 1998. p. 201-222.

PICOLI, Rogério A. **Sobre o governo em Jeremy Bentham: o risco das partes e o traçado do todo**. Tese de doutorado apresentado ao curso de pós-graduação em Ciência Política da Universidade de São Paulo. 2006 p. 173.

SCHORSKE, Carl E. A reinvigoração medieval e seu conteúdo moderno: Coleridge, Pugin e Disraeli. In: **Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 88-107.

SPÍNDOLA, Pablo. **Trajatória intelectual: o olhar de Didier Eribon sobre o pensador Michel Foucault**. In: Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. Cd-Rom.